

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Lie Tree*

Autora: *Frances Hardinge*

Copyright © Frances Hardinge 2015

Edição original publicada em 2015 por Macmillan Children's Books,
uma chancela de Pan Macmillan, uma divisão de Macmillan Publishers
International Limited

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria José Figueiredo*

Revisão: *Maria João Carmona/Editorial Presença*

Design da capa: *James Fraser*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, agosto, 2017

Depósito legal n.º 429 002/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Ao meu pai.
Pela sabedoria discreta e a integridade,
e por me ter respeitado como adulta
muito antes de eu o ser.*

CAPÍTULO 1

EXILADOS

O barco avançava a um ritmo implacável, nauseante, como quem massacra um dente estragado. As ilhas, que se avistavam com alguma dificuldade no meio do nevoeiro, também pareciam dentes, pensou Faith. E não eram dentes bonitos e limpos, como os de Dover; estavam partidos e lascados, surgindo à superfície de través, rompendo a espuma do mar cinzento e picado. E o barco do correio abria obstinadamente caminho no meio das ondas, engordurando o céu com o fumo que soltava.

— Uma águia pesqueira — disse Faith, por entre os dentes que batiam, apontando para diante.

Howard, o irmão de seis anos, voltou-se, mas já não foi a tempo de ver o enorme pássaro, cujos corpo esbranquiçado e asas de pontas pretas desapareceram na névoa. Faith estremeceu, ajeitando-o no colo. Pelo menos, tinha parado de chorar pela ama.

— É para ali que nós vamos? — perguntou Howard, estreitando os olhos na direção das ilhas fantasmagóricas que se erguiam à sua frente.

— É, sim, How.

A chuva batia com força na fina coberta de madeira que os abrigava. E do convés soprava um vento frio, que lhe picava a cara.

A despeito do barulho que a cercava, Faith tinha a certeza de estar a ouvir uns ruídos surdos provenientes do interior da caixa em que estava sentada: sons de movimentos, murmúrios de escamas

deslizando sobre escamas. Custava-lhe pensar na pequena cobra chinesa do pai que seguia ali dentro cheia de frio, enroscando-se e desenroscando-se de pânico a cada nova inclinação do convés.

Atrás dela, vozes possantes competiam com os guinchos das gaviotas e o *tchac-tchac-tchac* dos remos largos da embarcação. Quando a chuva se instalara de vez, os passageiros tinham-se reunido todos na pequena zona coberta na popa do barco, onde havia espaço para as pessoas, mas não para as bagagens. Myrtle, a mãe de Faith, fazia o que podia para reunir uma parte significativa da bagagem da família — e não estava a sair-se nada mal.

Olhando rapidamente por cima do ombro, Faith viu a mãe acenar vigorosamente, ordenando a dois criados do convés que juntassem os baús e os outros volumes da bagagem dos Sunderlys todos no mesmo sítio. Enrolada em vários xailes até ao queixo, Myrtle estava pálida de cansaço, mas nem por isso deixava de falar com toda a gente sobre tudo e mais alguma coisa, sempre em tom suave, caloroso, imperturbável, com a confiança que têm as mulheres bonitas no cavalheirismo dos outros.

— Obrigada, aí mesmo, isso. Oh, peço imensa desculpa, mas não temos outro remédio. De lado, se não se importa. A mala parece bastante resistente. Infelizmente, os papéis e projetos do meu marido não aguentam este tempo... É o reverendo Erasmus Sunderly, o famoso cientista... Ah! Muito obrigada! Agradeço-lhe imenso por não se importar...

Atrás dela, o tio Miles dormia sentado no seu lugar com a naturalidade e a inocência de um cãozinho a dormir no seu tapete preferido. O olhar de Faith passou por ele e foi poisar na figura alta e silenciosa que se encontrava atrás: a do pai, metido dentro do seu casaco preto de sacerdote, com o chapéu de aba larga a esconder a testa alta e o nariz adunco.

Faith tinha uma enorme admiração por ele. Naquele momento, o pai fitava o horizonte cinzento com o seu olhar fixo de basilisco, distanciando-se da chuva gelada, do fedor que vinha do fundo do porão, do fumo do carvão queimado e da confusão de conversas e movimentações. Habitualmente, passavam-se semanas em que ela o via mais vezes no púlpito do que em casa, de maneira que era estranho olhar para o lado e vê-lo ali tão perto. Naquele momento,

sentiu uma picada de compaixão dorida, porque ele estava fora do seu elemento, qual leão numa barraca de feira açoitada pela chuva.

Por ordem de Myrtle, Faith estava sentada em cima do maior volume da bagagem da família, para impedir que voltassem a arrastá-lo. Em geral, conseguia passar despercebida, porque ninguém tinha disponibilidade para prestar atenção a uma rapariga de 14 anos de feições inexpressivas e trança cor de lama. Naquela situação, porém, Faith encolheu-se sob os olhares ressentidos dos outros passageiros, arrasada por uma vergonha que Myrtle estava longe de sentir.

Myrtle, que era uma mulher baixinha mas muito proporcionada, tinha-se posicionado de maneira a impedir que as outras pessoas tentassem arrumar a sua bagagem a coberto do abrigo. Quando viu aproximar-se um homem alto e espadaúdo de nariz achatado que tentou passar por ela arrastando um baú, impediu-lhe a passagem com um sorriso: pestanejando duas vezes, abriu muito os enormes olhos azuis como se tivesse acabado de se aperceber da presença do sujeito. E, apesar da sua palidez geral, que contrastava com o rosa intenso da ponta do nariz, conseguiu fazer um sorriso doce e confiante.

— Obrigada pela sua compreensão — declarou, com uma ligeira sugestão de fadiga na voz.

Era um dos truques que Myrtle utilizava para lidar com os homens: uns laivos de coqueteria, a que recorria com a mesma facilidade e o mesmo automatismo com que abria o leque. Sempre que isso resultava, Faith sentia uma volta no estômago. Naquela altura resultou: o homem fez uma ligeira vénia e retirou-se; mas Faith percebeu que o fizera ressentido. Tinha até a impressão de que a sua família tinha conseguido irritar toda a gente que seguia naquele barco.

Howard sentia uma adoração tímida pela mãe e, quando era da idade dele, Faith via a progenitora sob a mesma luz dourada que o irmão. As raras visitas que Myrtle fazia ao quarto dos brinquedos eram quase insuportavelmente emocionantes, e Faith até apreciava o ritual de ser lavada, vestida e muito bem arranjada para essas ocasiões. Myrtle parecia-lhe um ser de outro mundo — calorosa, alegre, bela e intocável, uma ninfa solar com uma apurado sentido para a moda.

Ao longo do último ano, porém, Myrtle tinha decidido começar «a tomar conta da Faith», uma atitude que consistia em interromper-lhe as lições sem advertência prévia e em arrastá-la consigo pela cidade em passeios e visitas a este e àquele, para voltar a abandoná-la depois, devolvendo-a ao quarto dos brinquedos. Ao longo desse ano, a familiaridade tinha feito o seu trabalho, raspando aos poucos a tinta dourada, e Faith começara a ter a sensação de ser uma boneca de trapos, que era agarrada e largada de acordo com os humores de uma criança impaciente e de temperamento instável.

A multidão começou a recuar e Myrtle foi instalar-se ao lado da filha, em cima de uma pilha de três baús, aparentando uma profunda satisfação consigo própria.

— Espero que a casa que o senhor Lambent nos arranjou tenha uma sala de estar decente — comentou ela — e que os criados saibam o que estão a fazer. A cozinheira não pode ser *francesa!* Eu não consigo gerir uma casa com uma cozinheira que decida não perceber o que eu digo...

A voz dela não era desagradável, mas não se calava. No último dia, tinha acompanhado a família em permanência, alternando com a do condutor da carruagem que os tinha levado à estação, as dos guardas que tinham metido a bagagem da família no comboio que a levava a Londres e depois a Poole, e com a do carrancudo proprietário da inóspita estalagem onde tinham passado a noite, além da do capitão daquele barco-correio fumegante.

— *Porque é que* vamos para ali? — interrompeu-a Howard, com os seus olhos vidrados de cansaço. O miúdo estava sem saber se adormecia ou se punha a fazer uma birra.

— Já te expliquei, querido — respondeu-lhe a mãe, estendendo o braço para lhe afastar o cabelo molhado dos olhos com um dedo cuidadoso metido dentro de uma luva. — Naquela ilha há umas grutas muito importantes, onde uns senhores descobriram vários fósseis muito bonitos. E não há ninguém que saiba tanto sobre fósseis como o teu pai, de maneira que lhe pediram que viesse ajudá-los.

— Mas porque é que nós também viemos? — insistiu Howard. — Ele não nos levou quando foi à China. Nem quando foi à Índia. Nem a África. Nem à Monguia (a sua versão da Mongólia).

Era uma boa pergunta, a mesma que muito boa gente estaria provavelmente a fazer naquele momento. Na véspera, uma multiplicidade de cartas com pedidos de desculpa e cancelamentos de última hora devia ter aterrado nas casas de muitos habitantes da paróquia dos Sunderlys, quais flocos de neve retangulares portadores de pedidos de desculpa. Naquele dia, porém, a notícia da inopinada partida da família estaria a espalhar-se como um incêndio descontrolado.

Na verdade, Faith também gostaria de conhecer a resposta à pergunta colocada por Howard.

— Oh, a esses sítios não podíamos ir... — argumentou Myrtle vagamente. — Há lá cobras, e febres, e pessoas que comem cães. Aqui é diferente. Isto vai ser uma espécie de férias.

— Foi por causa do Homem-Escaravelho que tivemos de vir? — insistiu Howard, fazendo uma careta de concentração.

Subitamente, o reverendo, que não dera nenhum sinal de estar a ouvir a conversa, inspirou audivelmente pelo nariz e deixou o ar sair pela boca num silvo de desaprovação. Depois levantou-se.

— A chuva está a abrandar e este compartimento está demasiado cheio — declarou, afastando-se a passos largos na direção do convés.

Myrtle encolheu-se e voltou-se para o tio Miles, que esfregava os olhos para afastar o sono.

— Se calhar, eu também devia, *hum*, ir dar um passeio — comentou ele, lançando à irmã um olhar enviesado, ao mesmo tempo que erguia ao de leve as sobrancelhas. Depois endireitou as pontas do bigode para esconder o sorriso e foi atrás do cunhado.

— Aonde foi o pai? — perguntou Howard muito alto, esticando o pescoço para espreitar para o convés. — Posso ir com ele? Posso brincar com a minha pistola?

Myrtle fechou os olhos durante alguns momentos e permitiu que os seus lábios se agitassem no que parecia ser uma curta e exasperada prece a pedir paciência. Depois voltou a abrir os olhos e sorriu para a filha.

— Oh, Faith, tu és uma verdadeira rocha! — O sorriso que lhe lançou era o de sempre: afetuoso, mas com um ligeiro toque de conformação fatigada. — Não serás a mais alegre das companhias... mas pelo menos não fazes perguntas.

Faith conseguiu corresponder com um sorriso baço e frio. Sabia perfeitamente a quem se referia Howard ao falar do Homem-Escaravelho e desconfiava de que a pergunta do irmão acertara perigosamente no alvo.

No último mês, a família tinha vivido submersa numa bruma gelada de coisas por dizer, marcada por olhares, sussurros, subtis alterações de atitude e contactos discretamente suspensos. Faith apercebera-se dessa alteração, mas não conseguira perceber-lhe a causa.

Fora então que, certo domingo em que regressavam a casa da igreja, se tinha aproximado deles um homem de chapéu de coco que se tinha apresentado com muitas vénias e um sorriso que nunca lhe chegava aos olhos. Tinha escrito um ensaio sobre escaravelhos, e queria saber se o reverendo Erasmus Sunderly estaria disposto a escrever um prólogo para ele. O respeitado reverendo não estava disposto a tal, e foi-se mostrando cada vez mais frio à medida que o desconhecido continuava a insistir. O homem abusara de uma confiança que não lhe tinha sido dada, e o reverendo acabou por lho fazer ver diretamente.

O sorriso do entusiasta dos escaravelhos transformou-se então num esgar bastante menos agradável, e Faith não se esqueceu do tom venenoso com que tinha respondido:

— Peço desculpa por ter imaginado que a sua cordialidade estaria ao nível do seu intelecto. Pelo que dizem as más-línguas, reverendo, supus que gostasse de conhecer um cientista que *ainda* está disposto a apertar-lhe a mão.

Ao recordar aquelas palavras, Faith voltou a sentir que o sangue se lhe gelava nas veias. Nunca lhe passara pela cabeça que um dia veria o pai a ser insultado daquela maneira. E o pior fora que o reverendo voltara as costas ao desconhecido num silêncio furioso, sem lhe exigir uma explicação. A névoa gelada das suspeitas de Faith começara a cristalizar-se. Corriam boatos no estrangeiro e, embora ela ignorasse o que diziam, o pai sabia-o perfeitamente.

Myrtle estava enganada. Faith tinha imensas perguntas a fazer, perguntas que se enroscavam e desenroscavam dentro dela como a cobra que estava dentro daquela caixa.

* * *

«Mas não posso. Não posso ceder a isso.»

No espírito dela, era sempre *isso*. Nunca lhe dava outro nome, com receio de lhe conceder ainda mais poder sobre ela. Sabia que *isso* era um vício. *Isso* era uma coisa que ela ia sempre deixar fazer, só que nunca deixava. *Isso* era o contrário de Faith tal como o mundo a conhecia, da Faith que era boa menina, que era uma rocha. Da Faith que era fiável e bem-comportada.

Aquilo a que tinha mais dificuldade em resistir eram as oportunidades inesperadas. Um sobrescrito abandonado, com uma carta a espreitar lá dentro, era uma verdadeira tortura. Uma porta por trancar. Uma conversa descuidada, que não tinha em conta possíveis ouvidos estranhos.

Havia nela uma fome, e as meninas não deviam ter fome. As meninas deviam morder calmamente a comida à mesa, e a sua mente devia ficar satisfeita com uma dieta reduzida: umas quantas lições mortíferas de governantas cansadas, passeios desinteressantes, passatempos que não obrigavam a pensar. Só que a dela *não* ficava. O conhecimento — fosse ele qual fosse — exercia uma enorme atração sobre Faith, que sentia um delicioso e virulento prazer em roubá-lo sem que ninguém desse conta disso.

Ultimamente, porém, a sua curiosidade tinha uma orientação e uma premência muito específicas. Era possível que, naquele preciso momento, o pai e o tio Miles estivessem a falar do Homem-Escaravelho e da razão de ser daquele súbito êxodo de toda a família.

— Mãe... posso ir dar uma voltinha até ao convés? Sinto o estômago...

Faith quase conseguiu acreditar naquelas palavras. A verdade era que sentia as entranhas em brasa, mas por curiosidade, e não devido aos safanões do barco.

— Podés. Mas não fales com ninguém, mesmo que te façam perguntas. Leva o guarda-chuva, tem cuidado para não caíres ao mar e não demores, para não te constipares.

Enquanto avançava lentamente com uma mão na amurada, sentindo as gotas fininhas a tamborilar no guarda-chuva, reconheceu que estava novamente a ceder *àquilo*. A excitação enchia-lhe as veias de um vinho escuro e aguçava-lhe os sentidos a ponto de causar dor. Continuou a avançar lentamente, até ficar fora do alcance da

vista de Myrtle e Howard, e depois abrandou ainda mais, intensamente consciente de todos os olhares de que era alvo. Um por um, no entanto, esses olhares foram-se cansando dela e voltaram a desviar-se.

Chegara o seu momento. Não tinha ninguém a olhar para ela. Avançou rapidamente pelo convés e perdeu-se no meio das bagagens que se acumulavam na base da descolorida chaminé do barco. O ar sabia-lhe a sal e a culpa, e Faith sentiu-se viva.

Foi saltitando de esconderijo em esconderijo, apertando a saia contra o corpo para evitar que inchasse com o vento, revelando o seu paradeiro. Os seus pés enormes e chatos, tão desajeitados quando se tratava de metê-los dentro de uns sapatos elegantes, assentavam silenciosamente nas tábuas com uma destreza que resultava da prática.

Descobriu entre duas malas um poiso de onde conseguia avistar o pai e o tio, a menos de três metros de distância. Ver o pai sem ser vista por ele parecia-lhe um especial sacrilégio.

— Ter de fugir da minha própria casa! — exclamou o reverendo. — Isto cheira a cobardia, Miles. Nunca devia ter consentido que me persuadisses a vir embora de Kent. E de que servirá esta fuga? Os boatos correm como cães. Quando se foge deles, vêm atrás de nós.

— Os boatos são de facto como cães, Erasmus — respondeu o tio Miles, estreitando os olhos por trás do *pince-nez*. — E caçam em matilhas e à vista. Tu precisavas de te afastar daquela gente durante algum tempo. Agora, que te vieste embora, eles vão procurar outra vítima.

— Vindo-me embora a coberto da noite, eu *alimentei* esses cães, Miles. Esta fuga vai ser usada como um argumento contra mim.

— É possível que isso aconteça, Erasmus — respondeu o tio Miles com uma seriedade que não lhe era habitual —, mas preferes ser julgado aqui, numa ilha perdida, por um par de guardadores de ovelhas, ou em Inglaterra, por pessoas de respeito? Esta escavação na ilha de Vane foi a melhor desculpa que consegui arranjar para a tua ausência, e continuo satisfeito por teres aceitado as minhas razões.

»Aquele artigo que foi publicado ontem de manhã no *Intelligencer* foi lido em todo o país. Se tivesses ficado em Kent, terias obrigado o teu círculo de conhecidos a decidir apoiar-te ou virar-te

as costas. E, tendo em consideração a maneira como os boatos se difundiram, talvez não gostasses da decisão que muitos deles teriam tomado.

»Erasmus, um dos mais respeitados e mais lidos jornais do país acusou-te de seres um mentiroso e uma fraude. A não ser que queiras sujeitar a Myrtle e os teus filhos às consequências de um escândalo, não podes regressar a Kent enquanto não tiveres limpado o teu nome.

CAPÍTULO 2

VANE

Um mentiroso e uma fraude.

Aquelas palavras ressoavam incessantemente na cabeça de Faith enquanto ela prosseguia o seu passeio pelo convés, olhando distraidamente para as ilhas por onde iam passando. Como é que alguém podia pensar que *o pai dela* era uma fraude, quando a sua fria e tremenda honestidade eram a praga e o orgulho da família? Com ele, sabia-se o chão que se pisava, ainda que sob os raios de uma censura feroz. Mas, afinal, o que queria o tio Miles dizer com aquilo?

Quando voltou a abrigar-se no compartimento, já o tio Miles e o pai se encontravam lá dentro, cada qual sentado no seu lugar. Faith voltou a instalar-se em cima da caixa da cobra, incapaz de olhar de frente para qualquer um deles.

O tio Miles, de *pince-nez* no nariz, franzia os olhos para um almanaque manchado de gotas de chuva, dando a entender ao mundo que a família estava efetivamente de férias. A certa altura, erguendo os olhos para a paisagem marítima, exclamou, apontando com um dedo:

— Olhem! *Aquilo é Vane!*

Inicialmente, a ilha da qual se aproximavam pareceu-lhe muito pequena, mas Faith depressa se apercebeu de que essa impressão resultava da circunstância de estarem a abordar terra por uma extremidade que, de tão pontiaguda, mais parecia a proa de um barco. Só quando o *ferry* rodeou a ilha e começou a navegar ao longo do

seu flanco mais comprido é que ela percebeu que aquela região era muito maior do que os restantes territórios do baixio. Os penhascos castanhos eram batidos por enormes ondas escuras que criavam estranhos arcos de espuma.

«Não vive aqui ninguém», foi a primeira coisa que lhe ocorreu. «Quem é que havia de querer viver num sítio destes? Deve estar cheia de marginais. De criminosos, como os condenados que vivem na Austrália. E de gente que anda fugida, como nós. Nós somos exilados. Se calhar, vamos ter de ficar aqui para sempre.»

Passaram por vários promontórios recortados e angras profundas, vendo edificações solitárias entalhadas ao longo da costa. Depois, o *ferry* abrandou, guinando laboriosamente com um batimento das águas e entrando numa baía mais funda, com um porto contornado por um muro alto; por detrás desse muro, avistavam-se fileiras ascendentes de casinhas de olhos brancos e telhados de ardósia lustrosos por causa da chuva. Viam-se dezenas de barquinhos de pesca oscilando perigosamente nas águas, e os rolos dos seus cabos pareciam fantasmas por causa do nevoeiro. As gaivotas soltavam guinchos ensurdecedores, protestando umas com as outras na mesma nota quebrada. Começou a haver movimento no *ferry*, que se saldou num suspiro coletivo de alívio e na preparação da bagagem para o desembarque.

A chuva recomeçou, violenta, no momento em que o *ferry* atracou junto ao cais. Entre os gritos, lançamentos de cordas e colocação das pranchas de desembarque, o tio Miles largou algumas moedas numas quantas mãos e a bagagem dos Sunderlys foi levada para terra.

— É o reverendo Erasmus Sunderly e a sua família? — perguntou um homem magrinho metido dentro de um sobretudo preto que estava no cais, visivelmente encharcado e com água a pingar da aba larga do chapéu. Tinha a face ligeiramente azulada devido ao frio, mas estava muito bem barbeado e tinha uma expressão agradável, se bem que um tanto preocupada. — O senhor Anthony Lambent manda-lhe cumprimentos. — Fez uma vénia formal e estendeu-lhe uma carta ligeiramente húmida. Nesse momento, Faith reparou que ele tinha uma tira branca justa ao pescoço, o que significava que, tal como o pai, também era sacerdote.

O pai de Faith leu a carta, fez um ligeiro aceno com a cabeça em sinal de aprovação e estendeu a mão.

— Senhor... Tiberius Clay?

— Exatamente, reverendo — respondeu o outro, apertando-lhe respeitosa e a mão. — Sou o coadjutor de Vane. — Faith sabia que um coadjutor era uma espécie de auxiliar, contratado para ajudar um reitor ou um vigário que tinha demasiadas paróquias a seu cargo, ou demasiado trabalho. — O senhor Lambent pediu-me que lhe apresentasse as suas desculpas. Gostaria muito de ter vindo recebê-lo pessoalmente, mas esta chuva... — E Clay fez uma careta, erguendo ao de leve a cabeça para as nuvens de chumbo. — Os novos buracos correm o risco de se encher de água, e ele teve de ir verificar se estava tudo tapado. Dá-me licença que peça ajuda para lhe levarem a bagagem? O senhor Lambent mandou a carruagem, para o levar, juntamente com a sua família e os seus pertences, até à Cova do Touro.

O reverendo não sorriu, mas soltou um murmúrio de aquiescência que não era desprovido de simpatia. O estilo formal do coadjutor merecia obviamente a sua aprovação.

Faith tinha a certeza de que a família começara a dar nas vistas: o misterioso escândalo já teria chegado à ilha de Vane? Não, provavelmente isso acontecia apenas por serem desconhecidos, e se apresentarem com uma quantidade absurda de volumes de bagagem. Ouviu uns sussurros discretos à sua volta, mas não conseguiu perceber o conteúdo; davam a impressão de serem uma sopa de sons, desprovida de consoantes.

A bagagem da família foi disposta, com alguma dificuldade, numa espécie de torre desajeitada sobre o tejadilho da carruagem — que era grande, mas já não nova — e presa com tiras de couro. A família coube à justa no seu interior, na companhia do coadjutor, e o veículo fez-se ao caminho; as trepidações provocadas pelas pedras da calçada faziam vibrar os dentes de Faith.

— Também é cientista, senhor Clay? — perguntou Myrtle, ignorando o gemido das rodas.

— Na presença de quem estou, o máximo que posso dizer é que sou um amador — respondeu Clay, fazendo uma pequena inclinação de cabeça na direção do reverendo. — Mas é verdade que os meus

professores de Cambridge conseguiram meter-me na cabeça, não sem uma certa dificuldade, algumas noções de geologia e história natural.

A declaração não surpreendeu Faith. Na sua maioria, os amigos do pai eram clérigos que tinham começado a dedicar-se às ciências pelas mesmas razões. Os senhores mandavam os filhos que tinham destinado à vida eclesiástica para boas universidades, onde eles recebiam uma formação respeitável — uma formação de cavalheiros —, que incluía os clássicos, o grego, o latim e algumas noções das várias ciências; nalguns casos, essas noções bastavam para os agarrar.

— O meu principal contributo para a escavação é como fotógrafo; é um interesse meu — prosseguiu o coadjutor, e a voz animou-se-lhe ao falar daquele passatempo. — Infelizmente, o desenhador contratado pelo senhor Lambent teve o infortúnio de partir o pulso no primeiro dia, pelo que o meu filho e eu temos registado as descobertas com a máquina fotográfica.

A carruagem começou a sair da «cidade», que a Faith pareceu mais uma vila, e a subir uma estrada de piso irregular, em ziguezague. Sempre que a carruagem dava um solavanco, Myrtle agarrava-se ao caixilho da janela, enervando toda a gente.

— Aquele edifício ali no promontório é a torre do telégrafo — informou Clay. Faith avistou um cilindro castanho, amplo e sombrio. Pouco depois, passaram por uma pequena igreja com um pináculo aguçado, à esquerda. — O vicariato fica mesmo atrás da igreja. Espero sinceramente que me deem a honra de vir um dia jantar comigo enquanto estiverem em Vane.

A carruagem parecia estar com dificuldades em subir a colina, gemendo e chocalhando de tal maneira que Faith estava mesmo à espera de que uma das rodas se soltasse. Finalmente, parou de forma abrupta e ouviram-se duas pancadas secas no tejadilho.

— Deem-me licença — pediu Clay, abrindo a portinhola e saltando para o chão. Seguiu-se uma conversa animada, numa mistura de inglês e francês que o ouvido de Faith, que não estava acostumado a essa combinação, não conseguiu perceber.

Clay voltou a aparecer do outro lado da portinhola, com uma expressão incomodada e preocupada:

— Peço-lhes imensa desculpa por este incómodo. Parece que estamos perante um dilema. A casa que os senhores arrendaram fica

na Cova do Touro, e as únicas vias de acesso a essa zona são uma estrada que segue a linha de costa, lá em baixo, ou um percurso que passa pela cumeeira, cá em cima, descendo depois para o outro lado. Acabaram de me dizer que a estrada de baixo está inundada. Há um quebra-mar mas, na maré alta, quando as ondas são muito fortes... — acrescentou franzindo o sobrolho e erguendo os olhos para o céu carregado, como quem transfere responsabilidades.

— Presumo que o percurso por cima seja mais comprido e mais cansativo, não? — interveio Myrtle em tom enérgico, lançando um rápido olhar a Howard, que continuava rabugento.

Clay encolheu-se.

— A estrada é... muito íngreme. Na verdade, o condutor acaba de me dizer que o cavalo não conseguirá subi-la com a carruagem... *hum...* carregada como está.

— Quer dizer que temos de sair e seguir *a pé*? — perguntou Myrtle, endireitando-se ainda mais e esticando o pescoço.

— Mãe — sussurrou Faith, presentindo que se avizinhava um impasse —, eu tenho o guarda-chuva, e não me importo de andar um bocadinho...

— Não! — cortou a mãe, num tom que fez com que Faith corasse. — Nunca serei senhora da minha casa se me apresentar aos criados como um rato encharcado no primeiro encontro. E vocês também não!

Faith sentiu um acesso de fúria e frustração a contorcer-lhe as entranhas, e teve vontade de berrar: «O que é que isso interessa? Os jornais estão a estraçalhar-nos — acha mesmo que as pessoas vão desprezar-nos mais por aparecermos todos molhados?»

O coadjutor parecia não saber o que fazer.

— Nesse caso, parece-me que teremos de fazer duas viagens. Há uma velha cabina aqui perto, um local de vigia e deteção de cardumes de sardinhas. Podíamos deixar lá a bagagem, e depois a carruagem vinha cá buscá-la. Não me importo nada de ficar a tomar conta dela.

O rosto de Myrtle animou-se numa expressão de reconhecimento, mas a resposta que ia dar foi cortada pela intervenção do marido.

— Nem pensar! — declarou o pai de Faith. — Peço-lhe desculpa, mas nestas caixas seguem exemplares insubstituíveis de fauna e flora

que eu *tenho mesmo* de instalar na nova casa o mais depressa possível, pois correm o risco de morrer.

— Bem, eu não me importo de esperar na cabina e poupar ao cavalo o meu peso — declarou o tio Miles.

Clay e o tio Miles desmontaram e as malas da família foram descarregadas uma por uma, ficando no tejadilho apenas as caixas e os caixotes com espécimes. No final da operação, contudo, o condutor olhou para a inclinação da carruagem e, fazendo uma careta, indicou que o peso ainda era excessivo.

O pai de Faith não fez nenhuma menção de se levantar e se ir juntar aos outros dois homens.

— Erasmus... — começou o tio Miles.

— Eu não abandono os meus espécimes — declarou o reverendo em tom cortante, interrompendo o cunhado.

— E se deixássemos um dos caixotes? — perguntou Clay. — Há um deles que tem no rótulo «cortes diversos» e que é muito mais pesado do que os outros...

— *Não*, senhor Clay — voltou a interromper o reverendo num tom gélido. — Esse caixote é de *especial* importância.

O pai olhou de relance para a família, com uma expressão fria e distante; o seu olhar passou por Myrtle e Howard, acabando por se deter em Faith. Ela corou, percebendo que o seu peso e a sua importância estavam a ser avaliados, e sentiu uma sensação desagradável no fundo do estômago, como se tivesse sido colocada em cima de uma balança gigantesca.

Ficando subitamente enjoada, Faith percebeu que não aguentaria esperar que o pai desse voz à decisão que tinha tomado, pelo que se levantou sem grande equilíbrio e sem olhar para os dois adultos. Dessa vez, Myrtle não tentou detê-la. Tal como Faith, também ela tinha ouvido a decisão silenciosa do reverendo e submetera-se-lhe em silêncio.

— Menina Sunderly? — Clay ficou manifestamente surpreendido quando Faith saltou para o chão, com as botas a fazerem salpicar a poça de água que a guardava.

— Eu tenho um guarda-chuva — atalhou ela muito depressa —, e até estava a precisar de apanhar ar. — A pequena mentira permitiu-lhe recuperar uma ponta de dignidade.

O condutor voltou a examinar a inclinação do veículo e, dessa vez, acenou com a cabeça. Quando a carruagem se afastou, Faith evitou olhar para os seus acompanhantes, pois, apesar do vento frio que se fazia sentir, tinha as faces quentes pela humilhação que acabava de sofrer. Sempre soubera que valia menos que Howard, o filho adorado; mas naquele momento ficara a saber que ainda valia menos que os «cortes diversos».

A cabana ficava na encosta da colina voltada para o mar, e tinha sido toscamente construída com a escura e lustrosa pedra local; tinha uma cobertura inclinada, de ardósia, e umas quantas janelinhas sem vidros. O chão estava coberto de poças de água cujo fundo era de terra colorida. A chuva começara a abrandar.

O tio Miles e Clay arrastaram a bagagem da família para o interior da cabana, enquanto Faith sacudia o chapelho, que pingava, sentindo-se entorpecida e inútil. Só quando a caixa-forte do pai lhe caiu aos pés é que ela sentiu um baque no coração: a chave estava na fechadura.

O pai guardava naquela caixa todos os seus documentos pessoais: os diários, as notas de investigação e a correspondência. Talvez ali se encontrasse alguma pista que lhe permitisse esclarecer o misterioso escândalo que os tinha levado até àquela ilha.

Faith pigarreou.

— Tio, senhor Clay, tenho a roupa toda molhada. Podiam dar-me um bocadinho de tempo para... — calou-se, apontando para o peito, que estava efetivamente ensopado.

— Ah, claro!

O Sr. Clay mostrou-se ligeiramente preocupado, como é frequente acontecer aos cavalheiros quando se prepara algum movimento misterioso relacionado com as vestes femininas.

— Parece que a chuva está a abrandar — comentou o tio Miles. — Senhor Clay, quer vir dar uma volta pelo penhasco, e falar-me um pouco mais da escavação? — Os dois homens afastaram-se e, passado pouco tempo, as suas vozes deixaram de se ouvir.

Faith ajoelhou-se ao lado da caixa-forte. O couro escorregava-lhe nos dedos, e ela ainda pensou em tirar as luvas de pelica, que estavam molhadas, mas sabia que isso levaria muito tempo. As fivelas da

caixa estavam um pouco perras, mas acabaram por ceder e a chave deu a volta. A tampa abriu-se e ela viu uma série de papéis beges, cobertos por várias letras. Faith deixara de ter frio; pelo contrário, tinha as faces a arder e formigueiros nas mãos.

Começou a abrir cartas, retirando-as dos sobrescritos e pegando-lhes nas pontas, para não as manchar nem as amarrotar: eram comunicações de revistas científicas; cartas do editor dos textos do pai; convites de museus.

A tarefa era lenta e trabalhosa, e ela perdeu a noção do tempo. Finalmente, abriu uma carta que lhe chamou a atenção:

«[...] pondo em causa a autenticidade, não de um, mas de todos os fósseis para os quais o senhor chamou a atenção da comunidade científica, e nos quais assenta a sua reputação. Afirmam que eles foram, na melhor das hipóteses, propositadamente alterados ou que, na pior das hipóteses, são falsificações. Declaram ainda que os New Falton são dois fósseis artisticamente combinados, e salientam que encontraram vestígios de cola nas juntas da asa...»

Faith ouviu uma pancadinha na porta, e deu um salto.

— Faith! — Era a voz do tio. — A carruagem já voltou.

— Só um momento! — respondeu ela, dobrando apressadamente a carta.

Ao fazê-lo, percebeu que tinha uma grande mancha azul nas luvas brancas. E percebeu também, horrorizada, que tinha sujado a carta, deixando nela uma marca em forma de polegar.